



ENTREVISTA

Mariana Alves da Cunha Kalil¹

¹ Possui graduação em Relações Internacionais pelo IRI-PUC-Rio, com formação complementar em estudos de Ásia na HPU, Estados Unidos, e mestrado em Política Internacional e Comparada pelo IRel-UnB. Atualmente é Doutoranda em História das Relações Internacionais do Brasil pelo IRel-UnB, Representante da América Latina no Global South Caucus, International Studies Association (ISA), Professora Colaboradora no INEST-UFF, Professora Substituta no DGEI-UFRJ, Professora Horista no IUPERJ-UCAM.

GÊNERO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

IA: InterAção

MK: Mariana Alves da Cunha Kalil

IA – Como você avalia o discurso de Patricia Arquette ao receber o Oscar de melhor atriz coadjuvante em 2015?

MK – O grande problema do Oscar, como um todo, deste o filme Crash houve uma inserção de temas B como temas A, então houve a “mainstreamização” dos temas B, que eram considerados temas marginalizados, como a questão das drogas, a crítica à guerra, o que é muito interessante. A única questão é que eles falam dos Estados Unidos, o que é óbvio visto que são americanos, mas o Oscar não é algo restrito aos Estados Unidos e o soft power americano é algo extremamente global, ou seja, eles demonstram exatamente como um cidadão americano pensa – temos que resolver o problema nos Estados Unidos e virarmos o bastião do feminismo no mundo -, como se outras sociedades não tivessem problemas e como se outras sociedades não tivessem já avançado. Por outro lado, é importante notar que se trata de uma mulher branca falando. O discurso da Lupita (Nyong) em 2013 foi muito mais forte que o da Patricia Arquette este ano. O que a Lupita falou – e que eu acho mais importante – é que por ela estar recebendo o Oscar, todo o sonho é possível, mesmo o sonho e alguém que está no interior da Etiópia. Neste sentido ela está sendo, também, feminista. Não que a situação das mulheres nos Estados Unidos não seja um problema e a fala dela não seja um avanço, pois se trata de uma atriz e as atrizes, de fato, ganham menos do que os atores, mas é preciso notar que se trata de uma

mulher branca, atriz hollywoodiana e que, portanto, não sofre tanto com as mazelas do feminismo tanto quanto uma mulher negra da periferia. Eu gostaria de ver, talvez, uma mulher ganhando o Oscar de melhor filme estrangeiro ou um Oscar de melhor atriz, sendo estrangeira, não apenas a Lupita e falando sobre isto, de uma forma mais representativa. Mas é fato, a opressão vai desde a mulher branca norte americana até a mulher negra na República Centro Africana, é universal.

IA – O processo de austeridade no espaço europeu atual, em países como a Grécia, como Portugal, está sendo guiado por um Estado cuja direção é de uma mulher, a Alemanha. Portanto, se formos pensar do ponto de vista do feminismo, teoricamente teríamos uma percepção de que a mulher teria mais preocupação com alguns pontos mais atinentes à pobreza, à discriminação de Estados marginalizados, à perdão de dívidas, à uma série de questões da austeridade que passariam mais por um processo de perdão do que de imposição de medidas austeras. Então, você poderia falar sobre o papel de Angela Merkel e se isto é um exemplo de uma mulher que teve de se masculinizar para governar.

MK – É difícil pensar isto tendo em vista que se trata da sociedade alemã. O que é feminino na sociedade alemã e o que é feminino na sociedade brasileira é diferente. Então é possível que a Merkel seja vista como feminina e nós não a vejamos desta maneira. Mas enfim, o resto do mundo vê a Merkel como masculinizada. Por outro lado, ela exerceu o papel de mediadora na crise da Ucrânia e ela exerceu isto com duas características interessantes: a primeira por ela ser especialista em literatura russa, que é algo extremamente feminino, ou seja, ela ganhou o seu conhecimento sobre a Rússia via algo extremamente feminino; a outra característica for o conhecimento do Putin acerca da fobia de cachorros que a Merkel sofre e, usando o feminino dela – afinal o medo é

associado à fraqueza, que por sua vez é associado ao feminino -, levou cachorros para as negociações, de modo a impedir que ela fosse o melhor que ela poderia ser. Desse modo a Merkel já foi para as negociações em posição de vulnerabilidade em relação à ele. O Putin usa, então, deste artifício para ressaltar questões femininas nela que são explícitas. Usando também de muita ironia ao apontar como ela adquiriu o conhecimento sobre a Rússia, o que, provavelmente, não falaria para um homem.

Ou seja, ela perde poder não apenas por ter características femininas mas também por tentar se masculinizar. Então a própria masculinização pode trazer à tona o fato da mulher ser feminina. Por mais que ela busque ser feminina, ela é uma mulher.

Agora, sobre a austeridade econômica, se tratando de Alemanha, é difícil dizer se é visto como algo masculino. Na Grécia e em Portugal seriam mas acho que a Alemanha, pelo contrário, vê a austeridade como uma receita de bolo, que se você segue, não há como errar. Talvez quase toda a Europa veja a austeridade como sendo algo covarde, portanto talvez seja visto como algo feminino, embora eu compreenda que a austeridade não se preocupe com questões sociais e de proteção da pessoa humana.

Em termos de imigração, na Alemanha há muitos Turcos, dos quais a população não gosta, mas que o governo não veda por inteiro e a aceitação é considerada uma característica feminina, diferente da França, que tem uma política mais rígida na imigração.

Pensando desta forma, talvez a Merkel não seja tão masculina assim, talvez ela *seja as feminist as it gets* para uma presidente alemã.

IA – Há vertentes do feminismo em que se acorda que o feminismo não é apenas sobre mulheres, é sobre todas as relações de gênero. Você concorda com esta visão? E se sim, no caso LGBT, como poderíamos problematiza-las nas relações internacionais?

MK – Algo importante a ser ressaltado é que o homossexual que não se desfigura de seu gênero biológico, dificilmente sofrerá sanções, a não ser que esta pessoa exerça sua sexualidade em público – dar as mãos ou beijar alguém do mesmo sexo. Mas, se um homem homossexual continuar agindo como masculino na vida pública, dificilmente sofrerá retaliações. Essa é uma grande questão, a outra questão é que uma mulher que exerce um comportamento masculinizado e que é lésbica e assume isto, muitas vezes é melhor absorvida no mercado de trabalho que uma mulher heterossexual e casada por conta da questão da gravidez. É uma grande besteira assumir que uma mulher homossexual não engravidará, mas entende-se isto. A questão aqui é que soar masculino – ou homem – é premiado enquanto soar feminino não é. Então, o LGBT também tem que ser visto sob os olhos do feminismo pois o feminismo abre portas para os que são marginalizados e traz a questão de gênero para a análise.

Entretanto o feminismo não é suficiente para analisar a questão LGBT, as *queer theories* são muito mais eficazes para trazer a transversalidade dos gêneros, do que o feminismo. Mas, de fato, não teríamos chegado às teorias *queer* se não fossem as teorias feministas, por que se trata de uma ciência e a ciência é um processo de alargamento de epistemologias, logo, uma coisa leva a outra. Embora as teorias *queer* sejam vistas como uma grande piada, inclusive por feministas, que acham que elas são desnecessárias mesmo que as teorias *queer* tenham a capacidade de analisar a realidade de forma muito mais caleidoscópica.

IA – Cynthia Enloe coloca a segurança internacional como masculina, colocando o masculino como a proteção do feminino, numa perspectiva tradicional. Como poderíamos pensar a segurança internacional numa perspectiva feminista?

MK – A Conferência de Pequim fala do empoderamento da mulher e da inserção dela em diversos espaços de tomada de decisão e inclusive na aplicação como essencial. A inserção da mulher é essencial. Isto porque, em geral, a mulher consegue dar atenção ao problema da mulher de forma mais eficaz, portanto, há nisto a necessidade de uma educação feminista para que as mulheres se tornem conscientes desta responsabilidade.

Agora, sobre a segurança ser o homem protegendo a mulher, isto é extremamente machista pois o machismo se coloca, em relação à proteção da mulher, de duas formas engraçadas. A primeira, porque se deixa a mulher em casa e a protege por ela ser frágil. A segunda é porque a mulher seria a “luz da casa”, que não pode ser contaminada pela maldade, pelo sujo da sociedade. Dessa forma, de diversas maneiras a mulher precisa ser imaculada. Então este “endeusamento” e a fragilização da mulher caminham juntos, o que é impressionante. Às vezes vemos famílias, cujos líderes são mulheres mas que são extremamente machistas.

Nisto entra uma luta importante das feministas – e eu, particularmente, não sei onde me coloco nesta luta – é a questão do trabalho. Houve a luta para que a mulher pudesse trabalhar e que pudesse ter o mesmo salário do homem. Mas e as pessoas que não querem trabalhar? O homem é o vagabundo e a mulher a submissa, mas isto é bastante injusto com ambos.

Embora a mulher que não trabalha “joga fora” uma luta anterior à ela e não entende o que é o trabalho, ela não compreende que participa do sistema capitalista, onde só quem tem dinheiro tem voz, capacidade de tomar decisão.

Eu não sei ainda onde me posiciono neste debate, e isto é importante para a segurança internacional, porque, se o homem não quiser trabalhar? Ele é o vagabundo. E ele tem que proteger, mas e se ele é fraco? Então o homem também carrega esse fardo. Na violência de gênero, o homem fica como agente, como perpetrador mas dificilmente como a pessoa que sofre a violência. Então acredito que as teorias precisam ter cuidado com isto.

As pessoas escrevem em determinados momentos da história, quando Cynthia Enloe escreveu as suas primeiras contribuições, ela olhava para o mundo em que de fato a mulher era brutalmente excluída e oprimida. A mulher continua sendo brutalmente excluída e oprimida algumas regiões, mas hoje há outras questões que surgiram, e podemos enxergar o homem não apenas como perpetrador, como agente da violência ou da segurança mas também como aquele que precisa ser assegurado também.

Voltando à pergunta, sim, a segurança ainda é visto como algo masculino, assim como prover o dinheiro. Mas acho que com as novas ações afirmativas que inserem a mulher como soldado e nos espaços de decisão, em geral, esse entendimento tende a mudar. Então, são processos, ainda vemos a lógica de proteção como masculina e de vulnerabilidade como feminina.

IA – Uma imagem histórica da luta feminista foi a queima do sutiã. Qual seria a imagem da luta feminista hoje?

MK – Essa é uma pergunta difícil. A imagem do queimar o sutiã era um símbolo. Mas qual seria a imagem do machismo, do patriarcalismo hoje? É incerto.

A estudante de Columbia que carregou o colchão certamente estava queimando um sutiã, porque, ela chamou atenção para uma questão através de um símbolo. Não sei se teve um impacto tão grande quanto queimar um sutiã, afinal, o sutiã é repressor. Porque as mulheres precisam ficar o tempo todo com os seios presos? E isto é um questionamento sério.

Qual seria o símbolo de opressão hoje? Não sei, são muitos. Quase qualquer resposta que eu der vai ser autobiográfica, as talvez a estudante que foi estuprada carregando o colchão seja um bom símbolo visto que a violência sexual contra a mulher é muito constante e espaços múltiplos.

IA – Como você avalia a participação das mulheres nas Forças Armadas?

MK – Eu estive no Haiti em um contingente de 14 mulheres – que era relativamente grande – entre cerca 1000 homens. Éramos pouquíssimas, mas todas premiadas, mulheres de carreiras brilhantes. E além disso há competições entre os contingentes de diversos países e o Brasil havia ganhado, um dos critérios de pontuação era a participação feminina, então, perceba a importância da ação afirmativa. O Brasil tinha um incentivo para botar mulheres nesse

contingente militar. Então, às vezes, a artificialidade é importante, para que haja algum avanço.

IA – Uma das dificuldades da luta feminista, é que as mulheres ainda parecem não se encontrar enquanto um grupo de minoria universal – há a segregação de mulheres brancas, mulheres negras, mulheres muçulmanas – muito embora o patriarcalismo transcenda estas segregações. Seria possível a criação de uma identidade de mulheres, nas relações internacionais, em luta contra o patriarcalismo?

MK – Isto há, pelo menos em âmbito da ONU. A ONU recebe em conferências – como a que ocorre em 2015 em Pequim -, a questão da proteção de mulheres, periodicamente, de forma universal.

Agora, acho que existe a necessidade das mulheres se conscientizarem de algo – e dóis ter esta consciência -, somos vulneráveis. Dói adquirir esta consciência porque ela amedronta, nós tendemos à abstrair este pensamento. Diferente do negro, por exemplo, que revisita os medos causados pelo preconceito étnico com mais frequência.

Ban Ki Moon fala que a violência de gênero é endêmica, 6 entre 10 sofrem violência de gênero no mundo, então talvez nos falte a consciência da vulnerabilidade.

Outra questão é a desconfiança da mulher com outras mulheres, para que possamos criar um grupo universal de mulheres, precisamos confiar umas nas outras antes de mais nada. Por isto a necessidade de criar medidas de criação de confiança entre si.

Talvez este seja o grande nó do feminismo, enquanto não houver generosidade e confiança entre as mulheres, não conseguiremos agir entre nós mesmos.

IA - Quais seriam as principais e os principais autores sobre feminismo?

MK - Nas Relações Internacionais, Cinthia Weber, Cynthia Enloe, Christine Sylvester. E podemos inserir autores como a própria Sikink. Mas o debate feminista é mais atribuído à autoras clássicas, até porque elas iniciaram o debate, acontece agora o refinamento do debate.

Temos muitos debates feministas que não necessariamente são de Relações Internacionais mas que podem ser trazidas para esta análise. Ampliar as epistemologias também é uma atitude feminista.